



REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA

Março de 2014 – Nº 52

ISSN 1518-1766

ALB

A POÉTICA DA CIDADE

PAULO ORMINDO DE AZEVEDO

A poética da cidade que vou aqui tentar descrever não é a poesia escrita que retrata vivências da infância em determinadas cidades, de que a língua portuguesa é tão rica. Basta citar Pessoa, sob o pseudônimo de Alberto Caeiro, em “O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia”, e Bandeira em sua notável “Evocação do Recife”. Senão a própria poética da cidade, que se confunde com a arte, ou até mesmo com a natureza, como bem compreendeu Mário de Andrade no seu anteprojeto do SPHAN: “são também sujeitos a tombamento os monumentos naturais, bem como os sítios e paisagens que importe preservar e proteger pela feição notável com que tenham sido dotados pela natureza ou agenciados pela indústria humana”.

No caso dos monumentos naturais, sua poesia decorre menos do acidente geográfico em si, que dos significados que coletiva ou individualmente associamos a esses elementos e que muitas vezes se refletem na sua toponímia: Gávea, Pão de Açúcar, Corcovado, Dedo de Deus. Grande parte da poesia da cidade do Rio de Janeiro está associada a seus acidentes naturais: praias, lagoas, montanhas, florestas e cascatas.

Mas sua poesia não se esgota nesses acidentes. Compreende também seu patrimônio material, arquitetônico e urbanístico, sua cultura imaterial, incluindo o modo como seus habitantes se relacionam com seus espaços. Copacabana não é apenas a praia que foi cantada em prosa e verso por Rubem Braga, João de Barros, Caymmi, Vinicius e Tom Jobim, é também sua paisagem construída e habitantes. O mesmo se diga de

bairros carentes de tudo, como os morros cariocas cantados por Orestes Barbosa, Herivelto Martins, Zé Kéti e outros. Foi essa associação que permitiu ao Rio de Janeiro ser classificada pela Unesco como uma paisagem cultural universal.

Quero entender a poesia que antecede e inspirou o “Tejo é mais belo”, “Evolução do Recife” ou “As cidades invisíveis” de Ítalo Calvino, esta uma reflexão poética sobre a cidade, a utopia e a fantasia humana. Em primeiro lugar, é preciso compreender que a cidade é uma obra coletiva e aberta, na conceituação de Umberto Eco. Ao contrário da poesia como gênero literário, só em raros casos uma cidade é obra autoral. Aliás, o Brasil é rico nessa modalidade, com Salvador de Miguel de Arruda e Luís Dias, Belo Horizonte de Arão Reis, Goiânia de Atílio Correia Lima e Brasília de Lúcio Costa e Oscar Niemeyer.

Mesmo assim, elas vão sendo transformadas pelas gerações que sucederam a seus riscadores, porque as cidades estão sempre se modificando e nunca podem ser consideradas acabadas. Essa dinâmica faz parte de sua poesia. Um dos grandes atrativos das cidades é que em cada oportunidade que as visitamos há sempre algo novo, uma névoa especial, árvores peladas ou floridas, uma festa popular, um teatro de rua ou uma nova galeria. Algumas cidades, ainda quando não se transformam fisicamente, sempre revelam detalhes novos que não havíamos percebido nas primeiras visitas, como os bons poemas.

Nesse sentido, são particularmente interessantes as cidades islâmicas, medievais e barrocas, não sujeitas a cânones formais e métricas limitadoras. Como é linda a complexa geometria das casas, becos e escadarias de Alfama, o que restou da Lisboa islâmica e as cidades brancas de Andaluzia. Mais ao sul, no Marrocos, podemos nos perder no labirinto de barracas dos *souks*, situados nas almadinas de suas cidades, com encantadores de serpentes, artesãos de couro, madeira e bronze, ourives, vendedores de frutas secas e especiarias, perfumistas, tecelões e tintureiros. Estes geralmente instalados na parte mais baixa

do *souk*, junto ao rio ou a uma fonte, onde lavam seus coloridos véus e tapetes.

Na Turquia e na Síria, o equivalente dos *souks* marroquinos são os bazares, verdadeiras cidades abobadadas com pequenas claraboias de onde jorra a luz. Esses espaços de sociabilidade são uma festa para os sentidos: as batidas ritmadas das bigornas dos artesãos, a melodia da flauta de um encantador de serpente, o apito e as espirais de vapor que exalam dos samovares, o perfume das especiarias e essências, os sabores das frutas secas e sementes oferecidas pelos vendedores, as cores vibrantes dos véus dos tintureiros e o caminhar macio sobre alcatifas e alfombras que precisam ser amaciadas. Protegidas por *muxarabies* e véus, que permitem ver sem ser visto, mulheres espreitam os turistas e locais. Tenho medo que essas sutilezas se acabem com a invasão bárbara da cultura ocidental.

Mais difícil é imaginar as cidades medievais em seu tempo. Nada restou do feudalismo, por sorte. A vida nessas cidades não devia ser muito diferente da das cidades islâmicas, com a rígida separação da cidade do campo ou do deserto. Aquele amontoado de casas sem reboco, aparentemente caótico, em que paredes e telhados cor de barro se confundem, localizadas no topo das elevações e se derramando pelas encostas, esconde soluções urbanísticas e arquitetônicas surpreendentes. São rampas-escadarias em leque, *sottopassaggi* por onde mal passava um cavaleiro com sua lança, janelas indiscretas que vigiam todos os movimentos das ruas, sem que percebamos que estamos sendo seguidos. Torres e muralhas nos fazem sentir mais pertencentes.

Sou especialmente cativo de uma cidade toscana, Siena, com sua praça em anfiteatro, tendo como fundo o palácio da senhoria com sua torre imensa. Tive a sorte de podê-la ver durante o Palio d'Assunta, com ginetes com imensas bandeiras coloridas simulando um torneio medieval entre Gibelinos locais e Guelfos de Florença. Vivi durante quase dois meses numa outra cidade medieval, Jesi, em Le Marche, perto do Adriático.

No final da tarde, depois do trabalho, durante aqueles *tramonti* infindáveis, era um prazer sentar numa mesa em um costado da *piazza* e encontrar amigos e conhecidos, saboreando uma pasta *asciuta* regada por um *verdicchio* honesto, observando o enxame de andorinhas na torre do *domo*. Tudo ali transcorria num ritmo medieval.

Gostaria de falar de uma cidade especialíssima, Veneza, misteriosa e única, encontro do Ocidente com o Oriente, onde os caminhos de terra se cruzam com os caminhos da água em ágeis pontes, mostrando quão felizes seríamos se não tivesse sido inventado o automóvel. Como o Rio de Janeiro ou Ouro Preto, impossível separá-la da natureza, daquela Laguna Sereníssima em que se espelha. Quem a viu em noite escura ou enluarada, especialmente durante a festa do Redentor com seus fogos de artifício, nunca a olvida. Mas é impossível falar de seus mistérios nos limites destas linhas. Limito-me a citar o espanto de Napoleão Bonaparte ao desembarcar na Praça de São Marcos: “Esta é a sala de visitas da Europa!”

Há ainda as cidades barrocas. Vuelas que desembocam em largos com imensas fontes que mal cabem em seus espaços, pontes que nos conduzem a partes insuspeitas da cidade. Portadas que escondem pátios singelos ou monumentais, mas sempre úmidos, com uma fonte gemendo em um canto e a hera subindo por suas paredes. Nenhum traçado prévio, senão reformas e intervenções pequenas ou grandes, mas com um senso cenográfico refinado. Temos belíssimas cidades barrocas em Minas Gerais e no Nordeste, mas nem as nossas, nem as fantásticas cidades do leste europeu superam Roma sob a luz dourada mediterrânea.

Se quisermos captar a poética das cidades temos que seguir o conselho de Bandeira, vê-las sem história nem literatura, sem mais nada. Palmilhar essas cidades é a única forma de apreendê-las. As urbes islâmicas, medievais e barrocas provam na prática o que a física moderna só veio descobrir no início do século XX, que não se pode separar o espaço do tempo.

Qual é a poesia e beleza dessas cidades? Creio que Baudelaire é quem melhor explicou, ao dizer que a surpresa e o espanto são atributos fundamentais da obra de arte. Niemeyer gostava de citar essa máxima para explicar suas formas nunca repetidas. Quão monótonas são as cidades iluministas, do absolutismo, da racionalidade e da ordem, em que vista uma parte não é preciso conhecer o resto.

Mas para nós, arquitetos e urbanistas, é difícil ver a cidade contemporânea, caótica, engarrafada e violenta sem um olhar crítico, embora a poesia urbana não tenha ficado apenas no passado ou na memória. Há poesia também nas metrópoles contemporâneas, como procura resgatar a jornalista Jane Jacobs em “Morte e vida das grandes cidades norte-americanas”, ou mesmo no avesso, do avesso, do avesso paulistano, como descobriu Caetano Veloso, ao cruzar a Ipiranga e a Avenida São João.

Há uma diferença fundamental na prática criativa de um poeta e do arquiteto e urbanista. Enquanto o primeiro sublima a realidade construindo um mundo ideal, o arquiteto faz o percurso inverso. Parte de uma ideia pura para construir uma realidade concreta. Isso foi muito bem descrito por um poeta em 1921. Paul Valéry, em “Eupalinos ou o arquiteto”, simula um diálogo entre Sócrates e Eupalinos de Megara, “o construtor do templo”, de quem se torna amigo. Para este a beleza não estava apenas na ideia platônica, senão na sua materialidade.

Valéry desenvolve a confrontação desses dois modos de olhar o urbanismo e a arquitetura de forma lapidar. Como um discípulo de Eupalinos, posso afirmar que não há sensação mais prazerosa do que ver o projeto se transformar em construção: circular nos espaços apenas concebidos, conferir a luz que penetra por um lanternim e o enquadramento de uma paisagem por uma janela e sentir a brisa que vem de uma abertura, sentir a cor, o cheiro e a textura da pedra, do concreto, do tijolo e da madeira.

Mas a poesia da arquitetura não se limita aos materiais, senão fundamentalmente à geometria, como esses elementos

são ordenados. Essa geometria é geralmente menos esquemática e racional que a euclidiana. A arquitetura de Le Corbusier, que fazia a apologia da reta e do ângulo reto, pode ser sábia, mas não tem para mim poesia. Já a de seu discípulo Niemeyer, que reproduz as montanhas cariocas e o gingado da mulher brasileira em sua arquitetura, é pura poesia.

Os materiais apenas adjetivam a arquitetura e o urbanismo. Catorze séculos antes de Cristo, o poeta e filósofo chinês Lao Tsé dizia: “A realidade de um edifício não consiste nas quatro paredes e no teto, senão no espaço fechado onde se vive.” No século III d. C., Plotino, um também poeta e filósofo nascido no Egito, sentenciava: “Tirai os andaimes, o saibro, a calça, a pedra, a massa e a argamassa, fica a forma.” Podemos dizer o mesmo da cidade. A realidade de uma urbe não está necessariamente nos seus prédios, belos ou feios, nas calçadas desenhadas, na arborização, ou na sua paisagem de fundo, mas no espaço humanizado e aberto em que vivemos, circulamos e nos relacionamos. Essa é a poética da cidade e quem a faz somos nós, seus cidadãos.

Paulo Ormindó de Azevedo é arquiteto, ensaísta e professor da UFBA. É membro do Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Brasil e consultor da Unesco. Presidiu o Instituto dos Arquitetos do Brasil na Bahia e integrou o Conselho Consultivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e o Conselho Nacional de Política Cultural. Desde 1991 ocupa a Cadeira n° 2 da ALB.

Palestra proferida na mesa-redonda “A poética da cidade”, dentro da programação dos Seminários Arte e Pensamento — Transformações da Cultura no Século XXI, no Salão Nobre da Academia de Letras da Bahia, em 24 de setembro de 2013.